



GT 5 - IMAGINÁRIOS E OUTRAS ENCRUZILHADAS

SALA 314 - Prédio 16B - Centro de Educação

MEDIADORES: Roberto e Jesse

Neste GT serão aceitos trabalhos que apresentem as questões das margens ao centro, sob as perspectivas étnicas, sociais, ambientais, de gênero, sexualidades, territoriais, que incluem afrodescendentes, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, catadores de materiais reciclados, fronteiriços, entre outros.

1.AÇÕES AFIRMATIVAS NA PÓS-GRADUAÇÃO: CONTRACOLONIALIDADE E INSURGÊNCIA EPISTÊMICA

Diogo Alves Elwanger

2.A DOCÊNCIA DE UMA 'PALABRE' AFRICANA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE E A VISIBILIDADE DE PROFESSORES NEGROS NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

Jurandir Goulart Soares

3.A PELVE NA DANÇA, O QUADRIL NA ENCRUZILHADA: CORPORALIDADES INSURGENTES NAS DANÇAS POPULARES AFRO-BRASILEIRAS

Julia Emilly dos Passos Roncai; Kayany Padilha Leite; Lauane Correia Lencina; Jesse da Cruz

4.CAMPO IMAGINÁRIO, TERREIRO E HIP HOP: CONFLUÊNCIAS DE RESISTÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NAS PERIFERIAS URBANAS

Gabriel Assunção Gonçalves; Nyck Souza de Oliveira; Jesse da Cruz

5.CORPOS EM MOVIMENTO, OLHARES EM FOCO: DANÇAS POPULARES, FOTOGRAFIA E A SUBVERSÃO DO IMAGINÁRIO NO PROGRAMA DE EXTENSÃO "MOJUBÁ: DANÇAS POPULARES BRASILEIRAS"

Clara Mouchet Soares; Deivison Sghirla Domingues; Francisco de Freitas Machado; Jesse da Cruz

6.IMAGINARAM QUE NÃO PERMANECERÍAMOS: ESCRIVEMOS PARA RESISTIR

Daniela da Silva dos Santos; Maria Rita Py Dutra; Uiara Janaina Escobar Pereira; Celso Ilgo Henz

7.LENDO PRETAS: IDENTIDADE, HISTÓRIAS E ESCRIVIVÊNCIAS

Sabrina Daniana da Rosa; Andressa Silveira Vargas

8.MANDINGAS DOCENTES E UM NOVO IMAGINÁRIO NA ESCOLA PÚBLICA

Roberto Silva da Silva

9.O IMAGINÁRIO POPULAR DO SAGRADO SOB A PERSPECTIVA DE UM OBSERVADOR UMBANDISTA

Dilvio Alcir dos Santos Mello; Sandra Elisa Réquia Souza

10.OS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS ÀS COTAS RACIAIS, COMO AÇÃO DE POLÍTICA AFIRMATIVA, NO IMAGINÁRIO DOS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO

Isabel Cristina Corrêa Roesch

11.OUVINDO NOVAS VOZES: SOBRE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS

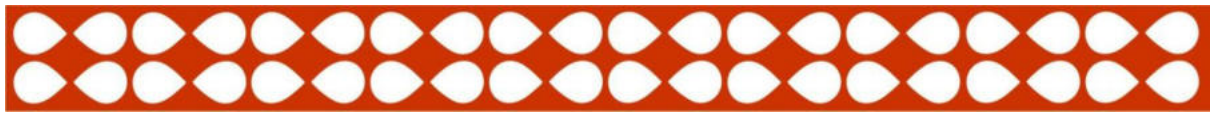
Leandra da Silva Cunha

12.PRÁTICAS DOCENTES DISRUPTIVAS EM ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO

Mylena Roehrs; Letícia de Castro Gabriel

13.REZA QUE DANÇA, CORPO QUE REZA: ENCRUZILHADAS ENTRE O SAGRADO E O MOVIMENTO NAS CORPOREIDADES AFRO-BRASILEIRAS

Jesse da Cruz



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

Ações afirmativas na pós-graduação: contracolonialidade e insurgência epistêmica

GT: GT 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

Diogo Alves Elwanger
UFSM, Mestrando em Políticas Públicas e Gestão Educacional
diogo.elwanger@ufsm.br

Orientador Joacir Marques da Costa
UFSM, Doutor em Educação

Ações afirmativas, Contracolonialidade, Cotas epistêmicas

A pós-graduação brasileira, embora recente em sua institucionalização, carrega profundas marcas históricas de exclusão. As ações afirmativas, quando limitadas ao acesso, não rompem com essas estruturas. É necessário um projeto contracolonial que transforme radicalmente os fundamentos do conhecimento acadêmico, incorporando o conceito de "cotas epistêmicas" - que vai além da inclusão numérica para garantir a presença de mestres de saberes tradicionais e representantes de epistemologias afro-brasileiras e indígenas, mas que também pode se estender a pessoas trans, autistas e com deficiência.

A contracolonialidade se manifesta como recusa ativa aos modos coloniais de saber, materializando-se quando esses grupos insistem em seus sistemas de conhecimento próprios. Na pós-graduação, isso exige mais do que incluir conteúdos diversos: requer reconhecer que os saberes marginalizados possuem metodologias e critérios de validação específicos. A excelência acadêmica contracolonial não se mede pela produtividade capitalista, mas pela capacidade de acolher e dialogar com essa pluralidade epistêmica.

A inclusão desses sujeitos não é apenas questão de equidade, mas oportunidade de enriquecer radicalmente o processo educacional. As ações afirmativas só cumprem seu potencial quando se tornam ferramentas dessa transformação, questionando formatos acadêmicos hegemônicos e ampliando o que se considera conhecimento válido. O desafio é construir uma pós-graduação que não apenas inclua, mas seja transformada pelos corpos e saberes historicamente excluídos, criando um ambiente que celebre a diferença.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

A DOCÊNCIA DE UMA 'PALABRE' AFRICANA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE E A VISIBILIDADE DE PROFESSORES NEGROS NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

GT 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

Jurandir Goulart Soares
UFSM, PPGE
jurangoulart@yahoo.com.br

Orientador: Amarildo Luiz Trevisan
UFSM, PPGE
trevisanamarildo@gmail.com

Palavras-chave: Pós-graduação; Filosofia da Educação e *Palabre* Africana.

A constituição histórica da educação superior no Brasil está marcada por processos de exclusão que atravessam a vida de pessoas negras. Apesar de avanços recentes no acesso à graduação, o número de docentes negros nos cursos e programas de pós-graduação permanece significativamente reduzido, evidenciando uma desigualdade racial persistente no campo acadêmico. Tal desigualdade não é apenas quantitativa, mas também epistemológica, como denuncia Sueli Carneiro na obra *Dispositivo da Racialidade* (2023), ao nomear o processo de silenciamento das vozes negras como epistemicídio. Inconformados com essa realidade, como pesquisadores na área da Filosofia da Educação e da cultura africana, nos perguntamos, como a Filosofia da Educação, em diálogo com a tradição africana da *Palabre* e com a hermenêutica reconstrutiva de Jürgen Habermas, pode contribuir para a formação docente com vistas a uma maior visibilidade de professores negros nos cursos de pós-graduação no Brasil? Nesse sentido, a formação docente nos cursos e programas de pós-graduação precisa ser repensada em termos de pluralidade epistêmica, o que inclui reconhecer saberes oriundos das tradições africanas e afro-diaspóricas. Neste sentido, propõe-se investigar de que forma a Filosofia da Educação pode contribuir para a docência e a formação docente a partir da introdução de uma epistemologia dialógica africana: a *Palabre*. Inspirada na prática tradicional africana de discussão coletiva visando o consenso, a *Palabre* é aqui compreendida como um método de



escuta, narração e reconstrução coletiva do sentido da experiência do vivido. Além disso, investigar as possibilidades de confluência da *Palabre* africana como metodologia dialógica na formação docente com a hermenêutica reconstrutiva de Habermas, visando enfrentar o epistemicídio e ampliar a visibilidade de professores negros na graduação e pós-graduação brasileira.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

A pelve na dança, o quadril na encruzilhada: corporalidades insurgentes nas danças populares afro-brasileiras

Eixo: GT 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

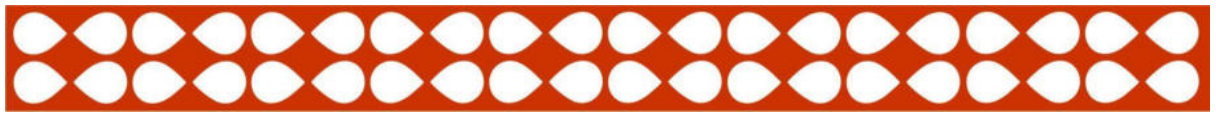
Julia Emilly dos Passos Roncai
Universidade Federal de Santa Maria
julia.roncai@acad.ufsm.br

Kayany Padilha Leite
Universidade Federal de Santa Maria
Kayany.padilha@acad.ufsm.br

Lauane Correia Lencina
Universidade Federal de Santa Maria
lauane.lencina@acad.ufsm.br

Jesse da Cruz
Universidade Federal de Santa Maria
Jesse.cruz@ufsm.br

O trabalho propõe uma reflexão sobre a centralidade da pelve e do quadril nas danças populares afro-brasileiras, tomando essas partes do corpo como potentes lugares simbólicos de saber, transformação, memória e subversão. Longe de serem apenas movimentos estéticos, os gestos que partem do centro do corpo carregam camadas profundas de ancestralidade, espiritualidade e resistência. A partir da imagem da encruzilhada — eixo simbólico das cosmovisões de matriz africana — entende-se o quadril como ponto de encontro entre mundos: o visível e o invisível, o sagrado e o profano, o individual e o coletivo. Nas danças populares, a movimentação da pelve não apenas reativa memórias corporais ancestrais, mas também desafia narrativas ocidentais de contenção e disciplinamento do corpo, especialmente dos corpos negros e femininos, onde em suas movimentações é possível ver o transbordar cultural dos seus saberes ancestrais. O estudo propõe, assim, que a dança que parte da pelve e se projeta no mundo é uma forma de epistemologia encarnada — um saber que dança, que desobedece, que reencanta e que reconfigura o campo imaginário a partir das encruzilhadas do corpo.



Desmistificar o uso da pelve é a forma de resistir a todos os vulgos que a sociedade impõe sobre quem se movimenta por ela. É o movimento político de exclamar ao mundo que possuímos a consciência do nosso corpo e a partir disso resgatamos a nossa ancestralidade através da execução e libertação do quadril e ritmicamente despertamos as memórias que o corpo possui, muito antes de saber a importância de desenvolver esse ato.

Palavras-chave: pelve, quadril, danças populares, encruzilhada, corporeidade negra, epistemologias do corpo.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

Campo Imaginário, terreiro e hip hop: confluências de resistência e espiritualidade nas periferias urbanas

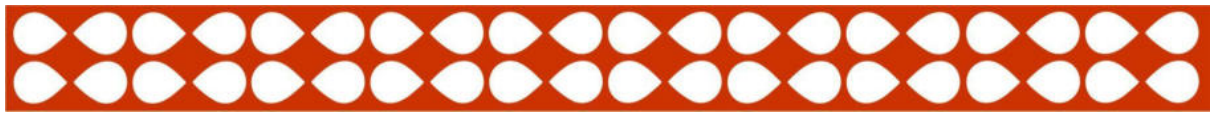
Eixo: GT 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

Gabriel Assunção Gonçalves
UFSM, da Graduação Dança Licenciatura
gabriel.assuncao@acad.ufsm.br

Nyck Souza de Oliveira
UFSM, da Graduação Dança Licenciatura
nyck.oliveira@acad.ufsm.br

Jesse da Cruz
UFSM, do Programa de Pós Graduação em Educação

Propõe uma reflexão sobre as interações entre o campo imaginário das culturas negras, os terreiros das religiões afro-brasileiras, como candomblé, umbanda e o movimento hip hop, a partir da ideia de que todos esses espaços, favelas e terreiros funcionem como territórios de criação de mundos, vivências, sentidos e possibilidades de existência e resistência, e de como essas vivências se entrelaçam e acabam se cruzando e se somando. O campo imaginário aqui é entendido como o conjunto de imagens, mitos, narrativas e práticas que moldam a maneira como os sujeitos percebem a si mesmos, suas comunidades e suas lutas. Tanto o terreiro quanto o hip hop operam como lugares de elaboração coletiva de identidades e espiritualidade, sendo atravessados por uma estética própria que articula o corpo, o som e a palavra como formas de resistência e reencantamento do mundo, resgatando memórias ancestrais, promovendo uma reconexão com saberes africanos e afro-diaspóricos, revivendo as práticas coletivas que foram apagadas pela colonização. O terreiro, com seus rituais e cosmologias, reinscreve o sagrado no cotidiano, enquanto o hip hop transforma o asfalto em altar, a lata de tinta em pincel de arte urbana, o disco em plataforma de voz, e o microfone em ferramenta de denúncia e criação poética. Ao colocar em diálogo essas práticas, o artigo evidencia



como o campo imaginário das periferias negras se manifesta como força vital de reinvenção simbólica diante da exclusão e da violência sistêmica, reconhecendo entrelaçamento dos movimento de rua e a terreira, estudando suas estruturas e conexões interpessoais, resignificando espaços e projetando a cultura negra. Do beat ao atabaque, da rima a reza, a contínua prática de movimentos ancestrais e de resistência, alucida a força dos saberes negros que não só pulsam em seus viventes, mas também constroem um campo fértil de criação e pensamento, reafirmando idêntidades plurais que traçam caminhos para uma existência coletiva mais digna.

Palavras-chave: campo imaginário, terreiro, hip hop, resistência cultural, espiritualidade negra.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

Corpos em movimento, olhares em foco: danças populares, fotografia e a subversão do imaginário no Programa de Extensão “Mojubá: Danças Populares Brasileiras”

Eixo: GT 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

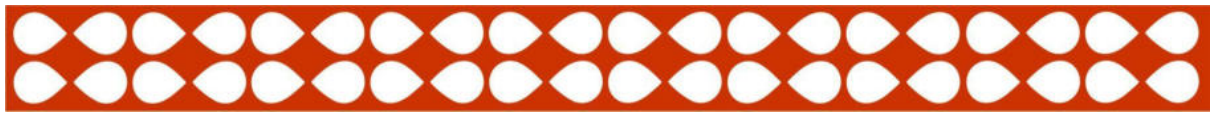
Clara Mouchet Soares
UFSM, Graduação em Dança Licenciatura
clara.mouchet@acad.ufsm.br

Deivison Sghirla Domingues
UFSM, Graduação em Artes Visuais Licenciatura
deivison.sghirla@acad.ufsm.br

Francisco de Freitas Machado
UFSM, Graduação em Dança Licenciatura
francisco.machado@acad.ufsm.br

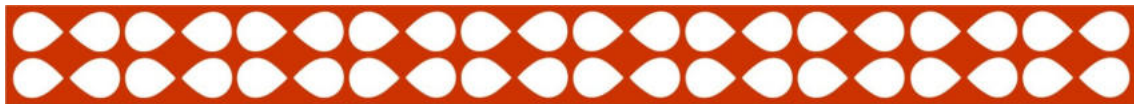
Jesse da Cruz
UFSM, PPGE UFSM
Jesse.cruz@ufsm.br

Este trabalho analisa as experiências de estudantes participantes do programa de extensão universitária Mojubá, com foco nas práticas de danças populares, fotografia e maquiagem como dispositivos de subversão do imaginário social. Ver-se em outras perspectivas, através de novos olhares que quebram o plano sagital posto ostensivamente pela mídia, ver-se adornado pela própria vivência são os motores que visam levar a emancipação das identidades e liberdade de escolhas estéticas. Práticas como a dança, fotografia e maquiagem configuram-se como instrumentos de proteção e admiração de heranças culturais, traços identitários e rituais historicamente combatidos e silenciados. A utilização dessas práticas no contexto observado vem propositadamente contribuir para a subversão do imaginário social hegemônico, possibilitando o (re)conhecimento de visões de mundo que desestabilizam as narrativas coloniais e reafirmam a pluralidade das essências e existências. Promover o encontro entre saberes acadêmicos e ancestrais, o cerne do projeto Mojubá que contamina nossas investigações a respeito de como essas linguagens artísticas empretecem a direção à ressignificação de identidades e percepções sobre corpos, origens e territórios. A dança, especialmente as



manifestações populares, emerge como meio de reconexão com o corpo ancestral e com saberes coletivos reprimidos. A fotografia atua como ferramenta crítica e sensível, ao lançar novos ao mundo e aos corpos, rompendo com estigmas e estéticas dominantes. A maquiagem, no intuito de adornar-se de si, por sua vez, fortalece a identidade ao ressaltar traços individuais, enquanto constrói uma impetuosa identidade visual coletiva. Ao tramar movimento e olhar, o programa Mojubá contribui para a construção de um imaginário mais plural, onde estudantes criam novas formas de existência, pertencimento e expressão, muitas vezes negadas em seus contextos formais de formação.

Palavras-chave: danças populares, fotografia, imaginário, extensão universitária, Mojubá, subjetividade negra.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

Imaginaram que não permaneceríamos: escrevemos para resistir

GT: GT 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

Daniela da Silva dos Santos
UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Educação
Danielasilva.2003@yahoo.com.br

Maria Rita Py Dutra
UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Educação
mrpy54@gmail.com

Uiara Janaina Escobar Pereira
Uiara_jana@hotmail.com

Celso Ilgo Henz
UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Educação
celsoufsm@gmail.com

RESUMO

Este trabalho só existe porque permanecemos. Desafiamos todas as possibilidades do impensável. Permanecemos nas universidades e nos tornamos doutoras. Feito inigualável, pois, quando o advento das cotas surgiu como possibilidade de acesso ao ensino superior para a população negra, uma brecha jurídica, econômica e social permanecia latente: a permanência. Em um sistema que prima pela meritocracia e pela excelência moldada a partir de privilégios brancos e elitistas, o desafio de permanecer torna-se maior que o de ingressar. A renda per capita da população negra e pobre inviabiliza a dedicação exclusiva que muitos cursos exigem, restringindo o acesso pleno e democrático. Além disso, a permanência esbarra nas regras implícitas da universidade: domínio de línguas estrangeiras, publicações, eventos acadêmicos, capacidade de locomoção e domínio da escrita acadêmica. Diante disso, este artigo propõe refletir sobre as desigualdades estruturais que atravessam a permanência no ensino superior a partir da escrevivência, como método e epistemologia que dá centralidade às experiências das autoras, entrelaçadas às de outras mulheres negras, e da cartografia social, enquanto construção coletiva e subjetiva do espaço universitário, mapeando afetos, barreiras e estratégias de sobrevivência. Não é uma pesquisa de campo tradicional, mas uma escuta profunda das vivências que nos atravessam e que marcam nossos corpos como territórios de saber.

Palavras-chave: permanência, resistência, escrevivência.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

Lendo Pretas: identidade, histórias e escrevivências

Eixo: GT 5 - Imaginários e outras encruzilhadas

Sabrina Daniana da Rosa
Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, programa de Pós Graduação em Letras
sabrina.rosa@iffarroupilha.edu.br

1 espaço
Andressa Silveira Vargas
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação
andressa.vargas@acad.ufsm.br

leitura, discussão, escrevivência.

Como a literatura produzida por mulheres negras pode contribuir para desconstruir imaginários sociais hegemônicos eurocêtricos? A leitura é uma ferramenta poderosa de transformação social e individual. Através dela, conhecemo-nos enquanto indivíduos e compreendemos o mundo que nos cerca. Entretanto, ela também já foi (e, em alguma medida, ainda é) objeto de perpetuação de desigualdades, por representar pontos de vista restritos e hegemônicos. O projeto de ensino “Lendo Pretas: identidade, história e escrevivências”, desenvolvido no Instituto Federal Farroupilha – campus São Borja, com estudantes do Ensino Médio Integrado, tem por objetivo oportunizar espaços de discussão e análise de contos e crônicas de autoria feminina negra, numa perspectiva inclusiva e dialógica. Busca-se, a partir de encontros quinzenais, proceder à leitura de textos previamente escolhidos, cujos personagens e contextos são analisados com o intuito de suscitar uma interpretação crítica da realidade que os cerca, relacionando-a ao contexto vigente. Ao fim do projeto, os participantes são convidados à construção de uma intervenção dialógica com protagonistas dos textos lidos, escrevendo cartas destinadas aos personagens que lhes foram mais significativos, num gesto de reinterpretação simbólica das narrativas. A produção é dividida em duas etapas: leitura compartilhada com os demais integrantes do grupo e apresentação ao público em geral, por meio de um sarau literário organizado pelos participantes. Espera-se, ao final do projeto, que os estudantes se tornem mais empáticos e críticos, questionando dispositivos sociais que aprisionam sujeitos e delimitam possibilidades de existências, utilizando e percebendo



a literatura como forma de expressão e luta social. Acredita-se que, ao tomar contato com a escrevivência – conceito elaborado por Conceição Evaristo – os estudantes possam compreender a literatura como espaço de denúncia, resistência e reinvenção de si.

8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

MANDINGAS DOCENTES E UM NOVO IMAGINÁRIO NA ESCOLA PÚBLICA

Eixo: Imaginários e Outras Encruzilhadas

Roberto Silva da Silva
UFSM, Programa de Pós-Graduação em Educação, Grupo de Estudos e Pesquisa
em Educação e Imaginário Social
roberto-silva.rs@acad.ufsm.br

Mandingas docentes no imaginário das escolas públicas gaúchas é um artigo afro-orientado epistemologicamente que visa investigar uma prática docente/discente - um projeto de iniciação científica escolar - que vai de encontro à ideia de educação performática, subordinada a índices de desempenho, estabelecida pelo desdobramento regional do Novo Ensino Médio brasileiro conhecido como “Ensino Médio Gaúcho”. Em paralelo, o texto busca entender se essa prática pedagógica docente, em sua relação com uma estrutura antagônica ao seu trabalho, não se trata de uma mandinga, uma malandragem fundamentada na cultura afro-diaspórica brasileira. A pergunta da pesquisa é: que fator pode contribuir para o engajamento estudantil e a criatividade educadora no ambiente escolar? A metodologia é fundamentada na pesquisa de cambono (Simas e Rufino, 2018), através da perspectiva biográfica do cruzo. Ao entardecer dessa gira nos damos conta que é que a criatividade educadora consegue, a partir do afeto da relação educador-aluno, se tiver espaço, ser um importante fator, aliado à horizontalidade e à alteridade, para aumentar o engajamento estudantil em um projeto escolar. Também este cruzo gera o magma castoriadiano: um terreno fértil para a criação de um novo imaginário dentro do ambiente escolar.

Palavras-chave: Imaginário, Imaginário do Ensino Médio, mandinga pedagógica, pedagogia das encruzilhadas



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

O Imaginário Popular do Sagrado Sob a Perspectiva de um Observador Umbandista

GT: 5 – Imaginário e outras encruzilhadas

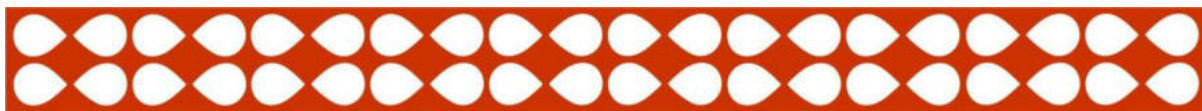
Dilvio Alcir dos Santos Mello
Universidade Federal de Santa Maria, Curso Licenciatura em Ciências da Religião
E-mail: mellodilvio@gmail.com

Sandra Elisa Réquia Souza
Universidade Federal de Santa Maria, Dra em Educação
E-mail: saereso@gmail.com

RESUMO

Este estudo é uma imersão reflexiva com análise crítica acerca do imaginário popular do sagrado, especificamente acerca da religião de Umbanda como uma das manifestações das religiões afro-brasileiras. Para esta reflexão optou-se por explorar a subjetividade do autor a partir da sua experiência e observação religiosa, bem como os conceitos utilizados, simbolismos e características de seus seguidores. O imaginário popular acerca da Umbanda, evocam pensamentos tribais, de tempos e práticas passadas para fundamentar sua fé religiosa. Encontra em seus ritos um ambiente propício para a manifestação teofânica do sagrado. Tais projeções dão conta de guerreiros a defender suas cidadelas contra incursões malignas e opressoras, local sagrado onde estarão protegidos dos males do mundo. O ambiente sagrado das manifestações espirituais, terreiros, projetam sentimentos e imagens para a ampliação de consciência e materialização de forças e poderes que se digladiam numa eterna luta de bem contra o mal. As mazelas e limitações humanas são postas à frente de guerreiros perspicazes, conhecedores das encruzilhadas da vida, que sabem o caminho certo a se seguir para a resolução de tais dificuldades. No íntimo da fé encontra porto seguro onde os entraves estarão de frente para seus defensores, em um ambiente sagrado e repleto de simbolismo e ritos que se tornam mágicos a medida da sua interiorização. Na jornada histórica do ser humano, nesta experiência terrena, suas crenças e relações com o sagrado, estiveram permeadas por símbolos, fetiches e manifestações sobrenaturais que eram, invariavelmente, atribuídas a seres superiores que detinham poderes de intervir significativamente na vida cotidiana do planeta. Esses fundamentos, na medida em que foram evoluindo em suas práticas conceituais, também assumiram nuances estéticas da manifestação da ancestralidade. Esta imersão proporciona uma viagem íntima na busca pelo seu imaginário. O que lhe faz mergulhar no sagrado da sua existência?

Palavras Chave: Sagrado; Imaginário; Umbanda



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

OS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS ÀS COTAS RACIAIS, COMO AÇÃO DE POLÍTICA AFIRMATIVA, NO IMAGINÁRIO DOS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO

Eixo: GT 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

Isabel Cristina Corrêa Roesch
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
icroesch@hotmail.com

A discussão do tema faz parte do projeto de extensão "Cotas Raciais: um diálogo possível entre a universidade e a escola",¹ trata das políticas de ações afirmativas oferecidas no ensino universitário, destacando sua importância na redução das desigualdades raciais e socioeconômicas no Brasil. A desigualdade racial impacta diretamente a educação, dificultando o acesso de negros, indígenas e outros grupos minoritários a oportunidades acadêmicas e profissionais. O projeto de extensão busca disseminar informações sobre as políticas de ações afirmativas, em especial as cotas raciais, para o ingresso na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) entre estudantes, professores e gestores do ensino médio da escola pública no município de Cascavel/PR. A fundamentação teórica conta com pesquisa bibliográfica sobre relações étnico-raciais, ações afirmativas e direitos humanos, analisando leis como a 10.639/03, 11.645/08 e 12.711/2012. O foco do estudo são os alunos do Ensino Médio, evidenciando um desconhecimento generalizado sobre os procedimentos para acessar as políticas afirmativas no Ensino Universitário. Discutir temas como: racismo, intolerância religiosa, cultura indígena, direitos humanos e culturas juvenis. como foco a preparação para o ingresso no ensino superior, abordando o ENEM, cotas e demais programas de acesso. Quais ações voltadas para professores, gestores e servidores das escolas, devemos realizar para sensibilizá-los e capacitá-los para atuarem como parceiros na disseminação do conhecimento sobre Políticas Afirmativas? Percebemos que no imaginário dos estudantes do Ensino Médio, os significados atribuídos às cotas raciais, como ação de política afirmativa, podem variar desde a compreensão como uma forma de justiça social e reparação histórica até a percepção de um sistema injusto e que pode gerar desigualdade ou mesmo racismo invertido.

Palavras-chave: Cotas Raciais, Imaginário, Ensino Médio

¹ O projeto de extensão conta com a agência financiadora: PIBIS.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

OUVINDO NOVAS VOZES: SOBRE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS

Eixo: Imaginários e outras encruzilhadas

Leandra da Silva Cunha

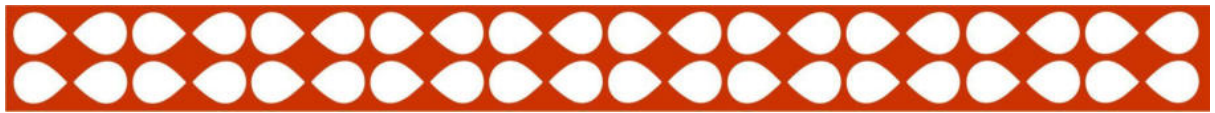
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação

leandradarosacunha@gmail.com

Você costuma ouvir pessoas diferentes de você? Quando eu digo diferentes, me refiro a cor da pele, classe social, etnia, gênero, alguém que pesquise outros autores, que até mesmo possa ter pensamentos divergentes sobre diferentes assuntos. Você as escuta? Mas digo, escutar de verdade, tentar entender suas perspectivas, suas críticas, suas histórias. Sem buscar se justificar, sem pensar em uma resposta imediata, sem tentar desvalorizar. Você consegue?

Felizmente, nos últimos tempos com novas políticas de acesso, o perfil dos estudantes das universidades está mudando. Apesar dos problemas de permanência, não podemos deixar de comemorar o acesso a estes espaços que nos custam tão caro. Com novos perfis, novas tensões e disputas se colocam em jogo e a estrutura se vê forçada a mudar. Novas bibliografias entram nos corredores brancos das universidades, trazendo novas cores e vieses, desassossegando aqueles já acostumados com seus "clássicos" inquestionáveis embaixo do braço.

Esse trabalho lento e gradual carrega em si a potência de transformação, não somente da estrutura universitária, mas social. Através do encontro com epistemologias que antes eram deixadas de lado podemos nos reconectar com valores por alguns esquecidos, tornando possível mudanças que podem transformar nossos futuros. Mais do que incluir pensadores em aula, trata-se de deslocamento: do olhar, das referências, do centro. É sobre pensar o conhecimento a partir da escuta sensível de mulheres negras, da oralidade, do relacionar-se com a natureza, da força de criação daqueles que fazem muito com pouco. Podemos então, a partir da disposição de mudar, das brechas, do reconhecimento de outras epistemologias historicamente marginalizadas, reconhecer suas potências para imaginar e construir outros futuros.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

PRÁTICAS DOCENTES DISRUPTIVAS EM ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO

Eixo: GT 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

Mylena Roehrs

*Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo
mylenaaaaa@gmail.com*

Letícia de Castro Gabriel

*Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo
leticia.gabriel@ufsm.br*

Josicler Orbem Alberton

Esta pesquisa, em andamento no mestrado em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo (PPGAUP - UFSM), busca investigar práticas docentes disruptivas como formas de resistência às lógicas hegemônicas presentes no ensino de Arquitetura e Urbanismo. O trabalho parte da provocação sobre como certos modos de ensinar, situados em contextos sociais, culturais e políticos diversos, tensionam a formação tradicional da área e produzem deslocamentos em relação aos saberes normativos da arquitetura, historicamente alinhados a um ideal moderno, eurocentrado, masculino e universalizante. Ao se aproximar de experiências pedagógicas que operam desde as margens - de gênero, raça, território e classe -, a pesquisa busca compreender de que modo essas práticas constroem outras possibilidades de formação, mais comprometidas com as urgências sociais e com a multiplicidade de sujeitos que habitam a cidade e a universidade. Essas práticas docentes insurgentes, muitas vezes invisibilizadas nos currículos formais, produzem fissuras nas estruturas institucionais e epistemológicas consolidadas, abrindo espaço para outras formas de se pensar e fazer arquitetura. Interessa observar como essas experiências colocam em questão a neutralidade epistemológica, frequentemente reivindicada como base da formação técnica, abrindo caminhos para a valorização de saberes locais, plurais e afetivos. A pesquisa se insere nas interfaces entre pedagogia, espacialidade e transformação social, com o objetivo de contribuir para o debate sobre o papel da docência na formação de arquitetas e arquitetos comprometidos com a justiça social.



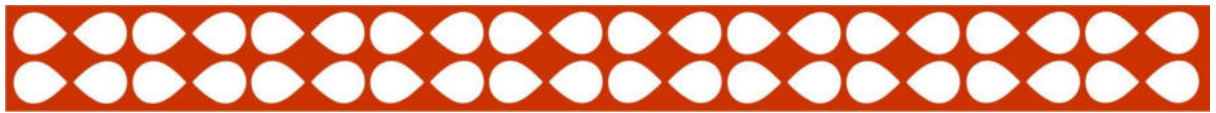
8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

Reza que dança, corpo que reza: encruzilhadas entre o sagrado e o movimento nas corporeidades afro-brasileiras

Eixo: GT 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

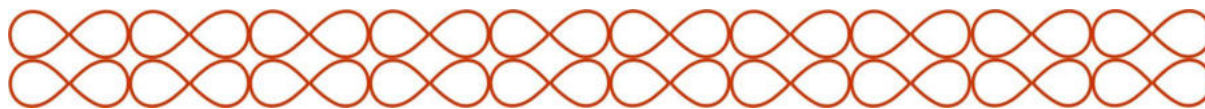
*Jesse da Cruz
UFSM, PPGE UFSM
Jesse.cruz@ufsm.br*

O resumo faz parte do projeto de pesquisa “Casa de Rezo” do grupo de pesquisa Laboratório Cruzo vinculado ao Programa de Pós Graduação em Educação da UFSM, que investiga as conexões entre a reza, o rezo, a encruzilhada e a dança nas tradições afro-brasileiras, propondo uma leitura do corpo em movimento como lugar de oração e de travessia. Ao considerar a encruzilhada como símbolo central das cosmologias de matriz africana — ponto de encontro entre caminhos, saberes e mundos — o estudo propõe que a dança, especialmente nas manifestações populares negras, é uma forma de rezo encarnado. A reza, neste contexto, não se limita à fala ou à palavra, mas se manifesta também pelo ritmo, pelo gesto e pelo deslocamento do corpo no espaço. O quadril que gira, o pé que pisa firme no chão e os braços que riscam o ar desenham orações que invocam proteção, memória e continuidade ancestral. Ao dançar na encruzilhada, o corpo se torna veículo de comunicação entre o visível e o invisível, entre o agora e o antes, entre o eu e o coletivo. Confluindo com Nego Bispo e os saberes quilombolas e afroreferenciado o rezo é ação e palavra viva, não é apenas uma oração individual, mas um gesto que integra falar, fazer e viver. O rezo está em tudo aquilo que sustenta a vida no território – nos mutirões, nas festas, nas plantações, nos cantos e nas histórias contadas pelos mais velhos. O rezo se faz no reconhecer como uma tecnologia ancestral, uma forma de transmissão de conhecimento que não separa pensamento e prática, pois reza-se vivendo. Ele atua como um método de organização do saber coletivo, onde se aprende com o fazer e com a escuta. É ato de resistência, um instrumento de resistência epistêmica, pois sustenta formas de existência e conhecimento que não se encaixam nas lógicas coloniais e acadêmicas. Ao rezar, as comunidades se mantêm fiel aos seus modos próprios de vida. E finalizo este resumo reconhecendo o rezo como presença do ancestral, visto que a palavra rezada é carregada de presença dos que vieram antes. É uma forma de manter os vivos e os mortos em diálogo constante, fortalecendo a continuidade do povo. Em resumo, para Nego Bispo, rezo é prática de mundo, não é apenas pedir algo a uma



divindade, mas agir com sabedoria herdada e coletiva para manter a vida em dignidade. Assim, este resumo encarnado argumenta que a dança nas tradições afro-diaspóricas é mais do que arte ou expressão: é ritual, é linguagem e é reexistência.

Palavras-chave: reza, dança, encruzilhada, espiritualidade negra, corpo-ritual, ancestralidade



GT 5 - IMAGINÁRIOS E OUTRAS ENCRUZILHADAS

GRUPO 2 - SALA 316 Prédio 16B - Centro de Educação

MEDIADORES: Luciano e Ana Iara

Neste GT serão aceitos trabalhos que apresentem as questões das margens ao centro, sob as perspectivas étnicas, sociais, ambientais, de gênero, sexualidades, territoriais, que incluem afrodescendentes, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, catadores de materiais reciclados, fronteiriços, entre outros.

1.ARQUITETURA, ESCOLA E FORMAÇÃO HUMANA: SOBRE HABITAR AS POSSIBILIDADES DA IMAGINAÇÃO

Tahíre Schmengler Lüdcke; Beatriz Fernandes Figueiredo

2.AS VIAGENS DE UM SAMBAQUI NO DORSO DE UMA JOANINHA

Graziele Ferreira

3.CRAS: QUALIFICAR OS ESPAÇOS FÍSICOS PARA POTENCIALIZAR OS RESULTADOS

Samara Baggiotto

4.ENCRUZILHADA COMO PROPOSTA METODOLÓGICA

Izabel Espindola Barbosa

5.ENTRE FÊS E SABERES: PROMOVENDO A DIVERSIDADE RELIGIOSA NA ESCOLA

Aline Simões Martins; Odon Rodrigues de Freitas Júnior

6.ESCREVER-SE DESDE AS MARGENS: CORPO, LINHA E FABULAÇÃO HISTÓRICA

Bernardo Guterres

7.GÊNERO COMO IMAGINÁRIO SOCIAL: POSSIBILIDADES PARA OUTRAS POLÍTICAS

Caroline Steffens

8.IMAGINÁRIOS DE LAR NO LIVRO “A POÉTICA DO ESPAÇO” DE GASTON BACHELARD

Manuela Diehl

9.MASCULINIDADE ‘RED PILL’

Tarciano Ortolan de Barcelos; Marília Rodrigues Lopes Heman

10.MULHERES NA ARTE E NA ESCOLA: DESDOBRAMENTOS DAS VIOLÊNCIAS

Elisabete de Paula de Lemos Neris

11.NÚCLEOS DE AÇÕES AFIRMATIVAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: TRANSFORMANDO PRÁTICAS DOCENTES E CULTURAS INSTITUCIONAIS

Jaqueline Dutra de Oliveira; Deivid Buttinger Dutra de Oliveira; Aline de Oliveira Botega

12.PERFORMANCES DO IMAGINÁRIO

Yuri Oliveira do Amaral

13.PROJETO "CRAS NA PRAÇA": IMAGINÁRIOS SOCIAIS E FORTALECIMENTO COMUNITÁRIO NAS MARGENS

Gabriella Eldereti Machado; Juliana da Roza Ribeiro Martin; Mireila Skolaude Leal; Daniela Fontoura da Motta

14.IMAGENS E IMAGINÁRIOS: UM PERCURSO AUTOFORMATIVO NO CAMPO DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Ana Iara Silva de Deus

15.FORMAÇÃO DOCENTE TRANSCENTRADA: (AUTO) BIOGRAFIAS CARTOGRAFADAS COMO DISPOSITIVO DE ESCUTA E CRIAÇÃO

Luciano Anchieta Benitez



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

ARQUITETURA, ESCOLA E FORMAÇÃO HUMANA: SOBRE HABITAR AS POSSIBILIDADES DA IMAGINAÇÃO

Eixo: GT 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

Tahíre Schmengler Lüdtkte

*Universidade Federal de Santa Maria, Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
tahire.ludtke@acad.ufsm.br*

Beatriz Fernandes Figueiredo

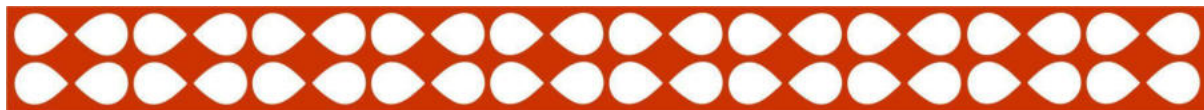
*Universidade Federal de Santa Maria, Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
beatriz.figueiredo@acad.ufsm.br*

O projeto de extensão Arquitetura, Escola e Formação Humana: sobre habitar as possibilidades da imaginação, vinculado ao programa NAIMEE Escola e à FIEEX/UFSM, tem como propósito divulgar a Arquitetura de maneira acessível e sensível, reconhecendo-a como expressão da presença humana no mundo. Alinhado aos princípios da democratização do ensino superior, o projeto busca contribuir para a formação de profissionais comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa.

Por meio da aproximação entre estudantes universitários e a comunidade escolar, promove-se um espaço de escuta, troca e aprendizado mútuo. As atividades desenvolvidas — como oficinas, jogos e rodas de conversa — integram o minicurso aplicado aos alunos da escola parceira, sendo elaboradas em parceria com os professores. Os temas abordados, como o habitar e o conforto ambiental, convidam à reflexão sobre o espaço vivido e estimulam a imaginação e a sensibilidade dos participantes.

Para 2025, o projeto prevê encontros regulares entre seus integrantes para aprofundamento teórico e planejamento das ações pedagógicas, além da continuidade do minicurso e da realização de um levantamento sobre o contexto social das crianças envolvidas, com foco em aspectos como território e realidade familiar.

Os resultados das experiências serão organizados e compartilhados por meio de resumos e artigos em eventos e publicações voltados à extensão universitária, reafirmando o papel da universidade como agente ativo na formação humana e na transformação social.



Palavras chave: Arquitetura, Habitar, Escola



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

As viagens de um sambaqui no dorso de uma joaninha

Eixo: Imaginários e Outras Encruzilhadas

Graziele Ferreira

*Núcleo Sambaqui: educação popular intercultural e estudos em mitohermenêutica
nucleosambaqui@gmail.com*

A ânsima ressentida na brabeza da Chica é fabulosa ou a fabulação anima o ressentimento de uma Chica Braba?

A construção desse oximóron - pergunta paradoxal; construção frasal que imprime um movimento cíclico e suscita certa vertigem desnorteadora pelo jogo de palavras - mostra-se pertinente ao próprio trabalho de pesquisa didático-formativa e participativa do Núcleo Sambaqui em parceria com Lab_arte (FEUSP). O Sambaqui existe desde 2018 no distrito rural chamado Fazenda Velha (município de Cesário Lange-SP).

Tal qual um Sun Wukong a bagunçar a ordem celestial no palácio do Imperador de Jade; um arco-íris a transitar entre terras, céu e mares pelo corpo ancestral de Oxumaré/Ewa; uma Perséfone a realizar travessias entre os mundos dos mortos e dos vivos, o Sambaqui tem realizado seu trabalho crepuscular (Marcos Ferreira-Santos) de transitar entre mundos culturais, fazendo uma ponte necessária entre os saberes locais do universo rural e a academia (FEUSP e UNISO), tornando-se, assim, um terceiro elemento, o próprio universo do Sambaqui, que é um universo de convivência, experimentação e construção de conhecimentos. Como não poderia faltar, o trânsito literal aconteceu em grande parte através de deslocamentos em um carro vermelho, apelidado de "joaninha" pelos jovens de hoje, quando eles ainda eram crianças em 2018.

Nas dinâmicas próprias ao "consentimento latinomediterrâneo" (Ortiz-Osés), encontramos temas como a formação de milícias, linchamento como forma de justiça, predomínio de organização aristocrática. No assassinato simbólico da mãe (Ortiz-Osés), a ânsima ressentida da figura histórica local - Chica Braba, escravocrata a quem pertencia as terras onde hoje é a Fazenda Velha - perfigura atualizações nas fabulações e intrigas como respostas às estruturas predominantemente patriarcais.

Palavras-chave: mitohermenêutica; educação popular; extensão universitária



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

CRAS: QUALIFICAR OS ESPAÇOS FÍSICOS PARA POTENCIALIZAR OS RESULTADOS

GT 5- Imaginários e Outras Encruzilhadas

Samara Baggiotto
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo
samarabaggiotto07@gmail.com

Orientadora Josicler Orbem Alberton

RESUMO

No cenário das políticas públicas brasileiras, o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) constitui-se como a unidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) responsável por assegurar o acesso à cidadania e oferecer suporte a pessoas e famílias em situação de vulnerabilidade social. Seu objetivo central é prevenir situações de risco e o rompimento dos laços comunitários e afetivos, por meio de ações preventivas e de acompanhamento. Essas ações visam acolher os usuários, fortalecer os vínculos sociais e estimular o sentimento de pertencimento. Ao reconhecer o CRAS como um instrumento fundamental para a melhoria das condições de vida das populações fragilizadas, destaca-se a necessidade de uma infraestrutura física adequada para o pleno desempenho de suas funções. Contudo, a realidade de muitas unidades do CRAS revela espaços adaptados a imóveis existentes e mal localizados na cidade, o que compromete tanto o acesso a esse serviço quanto a qualidade dos atendimentos prestados. O objetivo desta discussão é entender quais aspectos do ambiente construído, se qualificados, poderiam potencializar os serviços desse equipamento e motivar a busca por apoio por parte das populações vulneráveis. A metodologia adotada baseia-se na análise das principais orientações técnicas do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) referentes aos espaços físicos do CRAS. Os resultados demonstram que a qualificação do ambiente construído dessas unidades é capaz de potencializar o fortalecimento de vínculos e o acolhimento dos usuários. Portanto, considerando que o espaço físico exerce um papel fundamental nos processos formativos promovidos pelo CRAS e que já existem diretrizes da instituição gestora para a estrutura física desses equipamentos, levanta-se a seguinte questão: por que as orientações do MDS para os espaços físicos não se refletem, de forma concreta, na realidade das unidades do CRAS?

Palavras-chave: assistência social; arquitetura; acolhimento.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

ENCRUZILHADA COMO PROPOSTA METODOLÓGICA

GT: 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

*Izabel Espindola Barbosa UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Educação
espindolabarbosa.izabel@gmail.com*

Orientadora: Valeska Fortes de Oliveira

No Imaginário Social de Cornelius Castoriadis, a ciência precisa ser pensante, não sendo puramente uma sequência de métodos e formulações sobre verdade e refutações. É buscar entender que a ciência busca 'a coisa' (alguma coisa) e a filosofia questiona 'a coisa' e a própria interrogação para, talvez e provavelmente, buscar uma 'outra coisa'. Com isso em mente e corpo, continuo acreditando sobre buscar outridades ancoradas em outras epistemologias que a interlocução das metodologias visa ampliar futuras discussões e promover possibilidades diversas, contínuas e inovadoras de educação das relações étnico-raciais. Assim, apresento a encruzilhada como perspectiva metodológica da pesquisa e suas quatro dimensões:

Quadro 1

TRATADO AFROPINDORÂMICO*	AUTORIAS*
Conhecimento científico de povos africanos, afrodiáspóricos e indígenas. Poderíamos chamar de base filosófica.	Escolhas referências diversas em relação à: Gênero, sexualidade, áreas de pesquisa, etnias, regiões, idiomas, etc
*Uso do termo apresentado por Nego Bispo	*Uso do termo inspirado em Mulheres que são muito mais que a inicial de um nome nas referências acadêmicas.
LINGUAGEM*	COMPARTILHANTE*
Busque dobras na linguagem; torne-a acessível: Escrita, pretuguês, música, obras, questionamentos, desdobramentos, metáforas, exemplos, explicitações, etc.	Faça chegar ao coletivo busque modos de divulgar a pesquisa, compartilhe em eventos, compartilhe ideias com colegas, etc.
*Uso do termo inspirado por Lélia Gonzalez, Nego Bispo, Luiz Rufino e Cornelius Castoriadis.	*Termo apresentado por Nego Bispo.

Fonte: autora

O tratado Afropindorâmico refere-se ao conhecimento científico construído pelos povos africanos, afrodiáspóricos e povos de Abya Yala, aqui representado pelos povos pindorâmicos que se deu o nome Brasil. Embora o termo venha de Nego Bispo, metodologicamente é composto por conhecimentos que discutem e se



originam da luta contracolonial. A dimensão Autorias expressa o compromisso de busca por referências que tenham alguns critérios interseccionais. Linguagem para trazer outros gêneros como literatura (inclusive infantil), audiovisual, imagens e tantas outras formas de expressão da linguagem para além dos livros e artigos acadêmicos. Por fim, escrevo como Compartilhante a dimensão de levar a pesquisa à coletividade.

Palavras-chave: encruzilhada; imaginário; metodologia.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

ENTRE FÉS E SABERES: PROMOVENDO A DIVERSIDADE RELIGIOSA NA ESCOLA.

Eixo: GT 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

Aline Simões Martins
UFSM, Graduando em Ciências da Religião
alinesimoesmartins@gmail.com

Odon Rodrigues de Freitas Júnior
UFSM, Graduando em Ciências da Religião
freitas.juniorcr@gmail.com

Orientadora Profa. Dra. Valeska Fortes de Oliveira

O presente projeto extensivo originou-se através das Disciplinas Textos Sagrados e Diversidade I e II, do Curso EAD de Ciências da Religião da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Sabendo que essas propostas nas Escolas são sementes que cultivam a cidadania, o pensamento crítico e a solidariedade, preparando os alunos para um futuro de transformações sociais e pessoais. Evidenciando que a diversidade religiosa no Brasil é um tesouro que enriquece nossa cultura, promovendo o respeito, a convivência harmônica e a troca de sabedorias entre diferentes crenças, unindo o país na celebração da pluralidade. Sendo assim, orquestramos uma iniciativa voltada para a promoção do respeito, tolerância e entendimento mútuo entre alunos, professores e comunidade escolar em relação às diferentes crenças religiosas presentes no ambiente educacional, em especial as religiões afro-brasileiras e afro-indígenas. Buscando criar um ambiente inclusivo e acolhedor, onde as diferenças religiosas são vistas como oportunidades de aprendizado e enriquecimento cultural. A justificativa para este projeto reside na importância de promover a convivência pacífica e a valorização da diversidade religiosa como parte integrante da formação cidadã e do desenvolvimento humano dos estudantes. Objetivado para impulsionar o diálogo inter-religioso entre alunos, professores e comunidade escolar, por meio de Rodas de Conversas, via Google Meet, com um Sacerdote de Umbanda e Jurema Sagrada. A participação de discentes e docentes revelou-se uma experiência singular de diálogo inter-religioso e valorização da diversidade cultural. A explanação conduzida pelo Sacerdote, ao apresentar distintas tradições religiosas e fomentar um espaço aberto ao questionamento, não apenas suscitou reflexões críticas, como também despertou nos estudantes um profundo senso de pertencimento. O brilho nos olhos daqueles que se reconheceram nas religiões de matriz afro-brasileira evidencia a importância



de ambientes educativos inclusivos, capazes de promover o respeito, a escuta sensível e o reconhecimento da pluralidade identitária presente no contexto escolar.

Palavras-chave: Diversidade Religiosa; Diálogo Inter-religioso; Respeito.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

ESCREVER-SE DESDE AS MARGENS: CORPO, LINHA E FABULAÇÃO HISTÓRICA

Eixo: GT 5

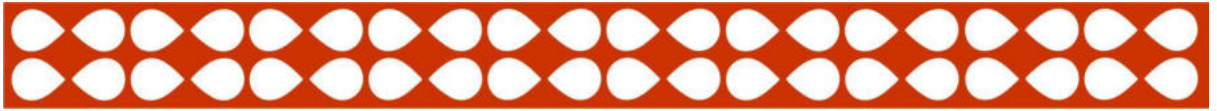
Bernardo Guterres

*Graduando em História Licenciatura, Universidade Estácio de Sá; Graduando em
Artes Visuais Bacharelado em Desenho e Plástica, Universidade Federal de Santa Maria*

berguterres@gmail.com

Como contar a história dos corpos que não se encaixam nos arquivos? Como tornar visível o que foi apagado ou silenciado? A ideia de *fabulação histórica* como proposta metodológica e política (HARTMAN 2008) oferece uma chave para repensar a história a partir de corpos trans e dissidentes. Não buscamos apenas preencher lacunas, mas criar outras inscrições possíveis de si, outras linhas do tempo. O trabalho articula ainda pensamentos transfeministas de Preciado (2014) e as epistemologias decoloniais de Grada Kilomba (2019), na busca por desestabilizar os modos hegemônicos de produção de conhecimento e visibilidade. Portanto, ao fabular desde as margens, propõe-se uma escrita encarnada da história, uma escrita que não se contenta com o que está dado, mas que insiste em criar mundos possíveis onde a vida dissidente não apenas sobrevive, mas revive, possibilitando futuros possíveis. Ancorado nas práticas de artistas como Jota Mombaça e Migra Itakaru, este trabalho revela como a arte ativa outras formas de narrar a si e ao tempo, por meio de performances, desenhos, palavras escritas à mão, deslocamentos e espiritualidades encarnadas. Em diálogo com a ideia de corpo como linha, entende-se o corpo como superfície sensível de inscrição, traçado por memórias, afetos e forças políticas, a partir da noção de cartografia viva de Suely Rolnik (2006), que propõe uma escuta do mundo a partir do corpo e suas intensidades, uma escuta que, longe de representar, deseja ativar o real.

Conclui-se que contar a história dos corpos que não se encaixam nos arquivos e tornar visível o que foi apagado ou silenciado, é a chave para repensar a história a partir de corpos trans e dissidentes, criando outras inscrições possíveis de



si, e outras linhas do tempo que descentralize os modos hegemônicos de produção de conhecimento e visibilidade através do corpo como linha e fabulação histórica.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

1 espaço

GÊNERO COMO IMAGINÁRIO SOCIAL: POSSIBILIDADES PARA OUTRAS POLÍTICAS

GT: 5

Caroline Steffens
Universidade Federal de Santa Maria, graduação em Pedagogia
caroline.steffens@acad.ufsm.br

Orientador (se houver)

Gênero; imaginário social; construção política

O ideal de ser humano construído por uma sociedade define a maneira pela qual seus membros serão educados, o que será incentivado ou repreendido. Ao longo da história, percebe-se que nunca houve um modelo universal, categorias como gênero continuam sendo essenciais às análises sociais pois demarcam claramente que um homem e uma mulher não são idealizados do mesmo jeito em nenhum tempo histórico.

Silvia Federici mostra como o capitalismo redesenhou as funções femininas: a reprodução social (função para com os filhos, o marido e a casa), o corpo (como objeto sexual) mas também a figura da bruxa (como figura que ameaça o poder patriarcal, e deve ser controlada). Se no século XVIII o melhor que uma mulher brasileira (ainda que de classe alta) poderia desejar era ser esposa e mãe, no século XX, após intensas lutas, conquistou o direito votar e ser votada, divorciar-se, participar do mercado de trabalho, gerir seu próprio dinheiro, estudar, entre tantas outras vitórias.

Um quarto de século depois percebemos que aumentam alternativas do que é entendido como “ser mulher”, entretanto, isso entra em rixa com alas mais conservadoras que partem em defesa dos valores que acreditam “corretos” para as famílias, os corpos e a cultura num geral.

Nesse contexto, tanto a representação de mulheres como de outros recortes historicamente marginalizados como os negros, os povos originários, os pobres e os LGBTQIAPN+, tornam-se ferramenta de articulação política para a garantia dos direitos já conquistados. Mas é preciso mais. Paulo Feire afirma que é preciso esperar: se levantar, ir atrás, construir, não desistir! É no esperar que movimentos sociais organizados conquistam espaço para afirmar e legitimar modos de vida dissidentes, reafirmando a possibilidade de existir para além do esperado, e criando novos espaços de ocupação política.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

IMAGINÁRIOS DE LAR NO LIVRO “A POÉTICA DO ESPAÇO” DE GASTON BACHELARD

Eixo: GT 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

*Autora Manuela Diehl
Universidade Federal de Santa Maria, Curso de Arquitetura e Urbanismo
manueladiehl03@gmail.com*

Orientadora Prof.^a Dr.^a Josicler Orbem Alberton

Este estudo tem como objetivo compreender os elementos que remetem à imagem poética do lar e suas formas de materialização, partindo das reflexões do filósofo francês Gaston Bachelard em sua obra “A Poética do Espaço” (2008). O autor propõe que o ato de habitar é uma experiência simbólica essencial à constituição do ser, em que a casa transcende sua materialidade, tornando-se um espaço de memória, imaginação e identidade. A metodologia adotada consistiu em uma leitura interpretativa da obra, que possibilitou a identificação de quatro aspectos fundamentais que integram a vivência do lar: proteção, intimidade, imaginação e memória. Esses elementos são materializados por Bachelard através de arquétipos que compõem o imaginário da casa em suas dimensões simbólicas, a cabana e a gaveta representam a intimidade; a verticalidade da casa (com o porão, o sótão e a escada que os conecta) simboliza a imaginação; o armário e o cofre evocam a memória; e o ninho, a proteção. Os resultados indicam que o lar configura-se como um abrigo tanto físico quanto psíquico, formado por figuras poéticas e afetivas que estruturam a identidade desde a infância, onde se estabelecem os primeiros vínculos afetivos e se moldam os hábitos mais profundos do indivíduo. Assim, a imaginação atua como uma força criativa que transforma o espaço material em um universo simbólico, permitindo a ressignificação dos ambientes habitados. Nesse processo, o lar assume o papel de refúgio interior, tornando-se um espaço de pertencimento e base para a construção da identidade. Dessa forma, compreende-se que o lar possui uma dimensão simbólica essencial para o desenvolvimento do ser, funcionando como uma extensão sensível do ser. Habitar é mais do que ocupar fisicamente um lugar — é sonhar, lembrar e ser, em que o espaço é vivido, ressignificado e integrado à experiência pessoal.

Palavras-chaves: Lar. Habitar. Imaginação poética.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

MASCULINIDADE 'RED PILL' (Fonte 14)

Eixo: GT 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

Tarciano Ortolan de Barcelos
UFSM, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação
barcelostarciano@gmail.com

Marília Rodrigues Lopes Heman
UFSM, Pós-Doutoranda, Doutora e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação
ma.riliaheman@gmail.com

Orientadora Leandra Bôer Possa
UFSM, Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional
leandrabp@gmail.com

A presente escrita é o recorte de uma pesquisa de pós-graduação em andamento, que tem como objetivo colocar em questão os discursos de masculinidade no presente, mais especificamente sobre o discurso contemporâneo cunhado em grupos autointitulados 'Red Pill', e amplamente publicizados em redes sociais e mídias. Cabendo destacar a emergência de tal assunto e a dimensão-impacto que adentra, por exemplo, tanto as recorrentes publicações na rede social Instagram, quanto no cenário da arte e do cinema, como temos visto a partir da ampla divulgação do lançamento da série da plataforma digital Netflix "Adolescência", que em seu enredo, busca problematizar os dilemas da masculinidade em redes sociais, bem como o lugar da escola e dos [não]limites que a sociedade negligência na adolescência contemporânea, propondo uma interlocução entre o social, a escola e o desdobramento da [não]educação no presente.

Com isso, portanto, encarar o cenário atual da emergência desse contexto que reflete a conjuntura do contemporâneo e problematizar as formas como isso é marcado.

Ao aprofundar nos temas de gênero e corpos dissidentes, pode-se refletir, ainda, sobre o lugar social ocupado por cada corpo falante. O mestrado proporcionou um espaço de reflexão sócio-cultural-política sobre as nomenclaturas de gênero e os discursos que as sustentam. A análise crítica dos dispositivos de linguagem utilizados pelas práticas discursivas heteronormativas permitiu compreender a importância de não reduzir a complexidade das identidades e experiências.

Palavras-Chave: Masculinidade. Red Pill. Gênero.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

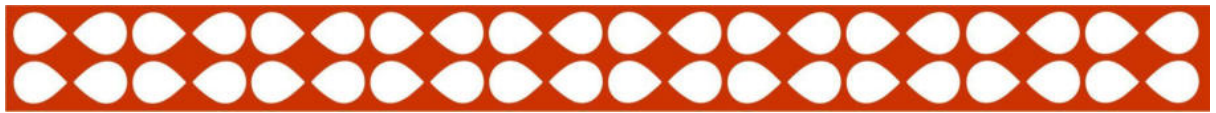
MULHERES NA ARTE E NA ESCOLA: DESDOBRAMENTOS DAS VIOLÊNCIAS

Eixo: GT 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

Elisabete de Paula de Lemos Neris
Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria, campus Santa Maria
elisa291990@hotmail.com

Leandra Bôer Possa (orientadora)
Professora Dra. do curso de Educação Especial
Universidade Federal de Santa Maria, campus Santa Maria.
leandrabp@gmail.com

Em um país com um índice de violência contra mulheres (cis e trans) tão alarmante, como o caso do Brasil, em que a cada três horas uma mulher é vítima de violência (ameaças, agressões, torturas, ofensas, assédio, feminicídio) refletimos sobre quais são os espaços que a universidade pública oportuniza para o debate e reflexão acerca do assunto, bem como, de que modo o assunto é apresentado e discutido? Neste sentido, problematizamos: Há diversidade no modo de explorar a temática ou predominam as palestras enrijecidas? Observado o silenciamento, a invisibilidade e o curto espaço oferecido ao assunto é que surge o projeto: “Mulheres na Arte e na escola - desdobramentos das violências” realizados anteriormente com turmas de 09º anos de uma Escola Pública do município de São Pedro do Sul. O projeto que consiste no estudo de diferentes artistas brasileiras e internacionais, buscando identificar recortes em suas carreiras, no qual se evidenciam atos e ações de alguma forma de violência, nesse projeto de cunho teórico-prático, realizam-se duas abordagens - primeiro a discussão a partir das identificações de violências encontradas, fazendo relação com o contemporâneo e o dia-a-dia das (os) estudantes. Em um segundo momento, um convite a experimentações artísticas a partir das reverberações dos estudos e discussões. Considerando a importância do estudo da arte como experiência além de estabelecer um cruzamento estético e valorizar a experimentação artística, busca-se demonstrar e discutir diversas



camadas de violências presentes no cotidiano das mulheres seja elas artistas com carreiras consagradas, artistas com projetos menos conhecidos ou estudantes, servidoras acadêmicas. Sendo assim, a questão que fica é, como a arte pode ser uma potência para promover uma sociedade mais justa, igualitária e menos violenta para todas as mulheres? E de que modo essa potência pode envolver-se num evento acadêmico?



NÚCLEOS DE AÇÕES AFIRMATIVAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: TRANSFORMANDO PRÁTICAS DOCENTES E CULTURAS INSTITUCIONAIS

GT: 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

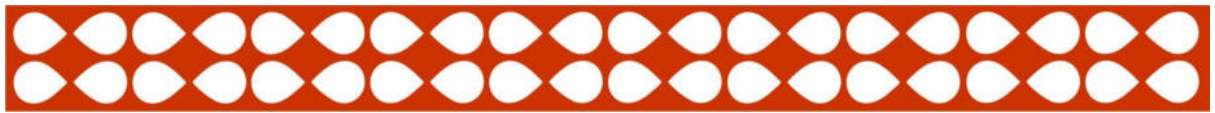
*Jaqueline Dutra de Oliveira
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em
Educação - Doutorado
jaqueline Dutra de Oliveira@gmail.com*

*Deivid Buttinger Dutra de Oliveira
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em
Educação - Doutorado
deivid.oliveira@iffarroupilha.edu.br*

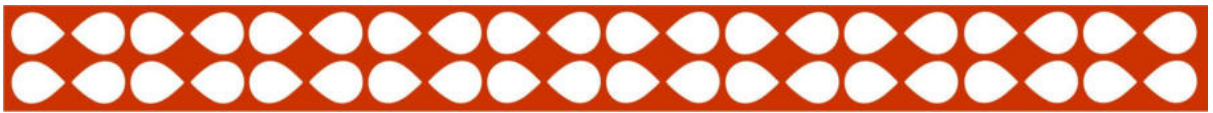
*Aline de Oliveira Botega
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em
Educação – Doutorado
alinebotega@gmail.com*

palavras-chave: núcleo de ações afirmativas; formação docente; educação inclusiva

Esta proposta reflete sobre o papel dos Núcleos de Ações Afirmativas (NAAs) em instituições de Educação Profissional, enfatizando sua potência na transformação das práticas docentes e na construção de culturas institucionais inclusivas. Núcleos como o NAPNE (Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas), o NEABI (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas) e o NUGEDIS (Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual) podem se configurar como espaços de formação docente que, ao articular teoria e prática, fomentam uma educação profissional plural e socialmente referenciada. Questionamos: como esses núcleos podem transcender a aplicação de políticas e se tornar espaços de produção de conhecimento? Quais metodologias de formação emergem dessas experiências? Como evitar que as ações afirmativas se reduzam a meros protocolos? Como esses núcleos podem viabilizar processos dinâmicos de reinvenção educativa? Partindo da premissa de que a formação docente não se limita a espaços formais, percebemos que os (NAAs) podem ressignificar a práxis educativa, impactando nas metodologias de ensino e concepções de docência. A proposta convida ao diálogo sobre desafios e possibilidades desses núcleos para a promoção de inclusão étnico-racial, de gênero, sexualidade e necessidades educacionais específicas, conectando saberes a experiências concretas. O objetivo é pensar caminhos para uma Educação Profissional verdadeiramente democrática e transformadora. Nesse contexto,



destacamos a importância de processos formativos contínuos que envolvam toda a comunidade acadêmica, que possibilite espaços de escuta ativa e troca de saberes. As ações desenvolvidas pelos (NAAs) - como seminários, grupos de estudo - demonstram como a Educação Profissional pode se reinventar a partir do diálogo com as diversidades. Essas iniciativas não apenas qualificam as práticas pedagógicas, mas também questionam estruturas institucionais historicamente excludentes, propondo novas formas de organização do trabalho educativo. Acreditamos que esta reflexão possa contribuir para ampliar o debate sobre o potencial transformador dos (NAAs) na construção de uma sociedade mais democrática, equitativa e inclusiva.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

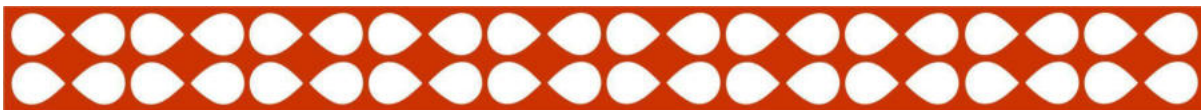
Performances do imaginário.

GT5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

Yuri Oliveira do Amaral
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-graduação
Especialização em Estudos de Gênero
Yuri.oliveira@acad.ufsm.br

Uma conversa entre Castoriadis e Butler pode parecer, de início, improvável. Um trabalha a partir de uma ontologia da criação social; o outro, de um deslocamento pós-estruturalista que questiona a estabilidade das categorias que organizam a vida. Mas é justamente nesse desencontro que surgem pontos de tensão férteis. Afinal, quem é o sujeito social quando pensamos o gênero? Como ele entra em cena no corpo social — e, mais ainda, como se vê dentro desse mundo que o forma, mas que ele também pode transformar? A proposta aqui é pensar que a performance, tal como Butler descreve, pode ser relida como um gesto de criação — ou de autoinstituição, nos termos de Castoriadis. O corpo, nesse movimento, deixa de ser apenas suporte da norma e se torna espaço de invenção. Performance, então, não é só repetição: é também desvio, rachadura, criação de novos sentidos. Uma abertura onde o instituído e o instituinte se cruzam. Como chegamos a isso? Podemos considerar a performance de gênero como um ato de criação radical? Que papel têm o corpo e o desejo nessa experiência de fissura e reinvenção? E, mais do que isso, como essas ideias nos ajudam a pensar nos debates atuais sobre diversidade, autonomia e normatividade? Este ensaio parte dessas perguntas para cruzar imaginários, deslocar certezas e propor um modo outro de olhar para a formação do sujeito em tempos de disputas simbólicas intensas.

Performatividade, Gênero, Imaginário.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

PROJETO "CRAS NA PRAÇA": IMAGINÁRIOS SOCIAIS E FORTALECIMENTO COMUNITÁRIO NAS MARGENS

Eixo: GT 5 - Imaginários e Outras Encruzilhadas

Gabriella Eldereti Machado
CRAS Novas Amizades de Novo Cabrais
E-mail: gabriellaeldereti@gmail.com

Juliana da Roza Ribeiro Martin
CRAS Novas Amizades de Novo Cabrais

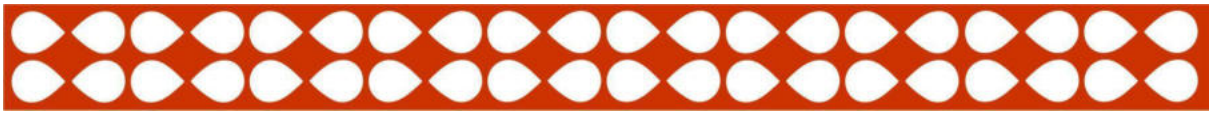
Mireila Skolaude Leal
CRAS Novas Amizades de Novo Cabrais

Daniela Fontoura da Motta
CRAS Novas Amizades de Novo Cabrais

1. Introdução

Os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) são equipamentos públicos que atuam na proteção social básica, oferecendo serviços para prevenção de situações de risco e fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Dentro dessa perspectiva, diversos estudos têm investigado as práticas desenvolvidas pelos CRAS, suas metodologias de intervenção e a efetividade das estratégias adotadas. Nesse contexto, o projeto "CRAS na Praça" surge como uma estratégia para ampliar o acesso da população aos serviços socioassistenciais por meio de eventos em espaços públicos.

O Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) é um dos principais eixos de atuação dos CRAS. Desse modo, o projeto "CRAS na Praça" é uma iniciativa do CRAS de Novo Cabrais, RS, que busca levar os serviços socioassistenciais diretamente à população, utilizando praças e espaços públicos como locais de intervenção. O projeto está alinhado com as diretrizes da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS - Lei 8.742/1993) e do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que enfatizam a descentralização dos serviços e a ampliação do acesso da população à assistência social.



O "CRAS na Praça" promove ações temáticas ao longo do ano, abordando questões como prevenção ao Alzheimer, combate à violência contra a mulher, prevenção ao suicídio e incentivo à participação social. As atividades incluem rodas de conversa e palestras, encontros na praça da cidade, apresentações culturais e parcerias com feirantes e a EMATER, garantindo um espaço intergeracional e participativo.

2. Metodologia e Cronograma

O projeto adota uma abordagem qualitativa e participativa, visando à promoção da cidadania e do bem-estar social por meio de ações intersetoriais e intergeracionais. Inspirado no conceito de "Educação Popular" de Paulo Freire (1987), o projeto busca a construção coletiva do conhecimento, utilizando metodologias ativas que promovem a troca de saberes entre os participantes.

A metodologia dos encontros na praça por meio de rodas de conversa e palestras é inspirada nos Círculos de Cultura de Freire, promovendo a escuta ativa e a troca de experiências entre os participantes. A praça é o espaço central das atividades, pois fomenta a interação social e a democratização do acesso à informação. Para Freire, o aprendizado ocorre em espaços coletivos e dinâmicos, onde o conhecimento é co-construído de forma dialógica.

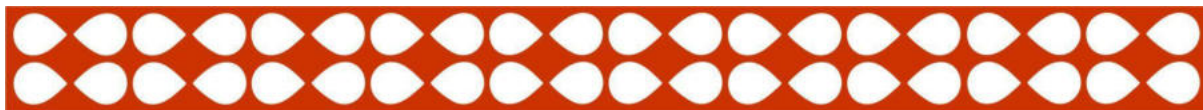
A parceria com a EMATER e os feirantes locais permite a criação de um espaço intergeracional e participativo, conforme sugerido por estudos sobre desenvolvimento comunitário e economia solidária (Singer, 2002). Essa colaboração visa fortalecer os laços comunitários e incentivar práticas sustentáveis de consumo e produção.

Cronograma de Atividades:

- 19/02 – Prevenção ao Alzheimer
- 18/06 – Combate ao Trabalho Infantil
- 20/08 – Combate à Violência contra a Mulher
- 03/09 – Setembro Amarelo
- 01/10 – Outubro Rosa
- 03/12 – Natal e Encerramento do Ano

Entidades Parceiras:

- Secretaria Municipal de Assistência Social;
- Secretaria de Saúde;
- EMATER;
- SESC;
- Conselhos Municipais;
- Organizações da sociedade civil.



Avaliação:

- Participação do público-alvo;
- Feedback dos participantes;
- Impacto gerado na comunidade;
- Registro fotográfico de cada edição.

3. Imaginário Social e Práticas Instituintes na Comunidade

Cornelius Castoriadis (1988), em *A Instituição Imaginária da Sociedade*, propõe uma compreensão da sociedade como criação contínua de significações imaginárias. Essas significações se manifestam em dois níveis: o instituído, que representa as normas, estruturas e símbolos consolidados; e o instituinte, que corresponde à potência criadora de novos sentidos, rompendo com o estabelecido.

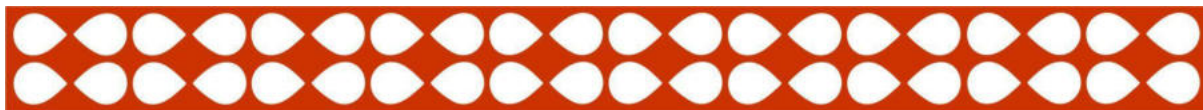
Historicamente, as populações marginalizadas – como afrodescendentes, indígenas, ribeirinhos e catadores – têm sido inscritas no imaginário instituído como sujeitos da carência. O “CRAS na Praça” atua justamente como força instituinte ao romper com essa lógica e propor a construção de novos sentidos comunitários, onde o território deixa de ser visto como lugar da ausência e passa a ser reconhecido como espaço de potência, saber e resistência.

Ao ocupar a praça com ações culturais, educativas e de saúde, o projeto reconfigura o espaço público como lugar de encontro, cidadania e visibilidade. As práticas comunitárias ali realizadas não apenas prestam serviços, mas instituem um novo modo de viver em comunidade, onde a autonomia e a participação ativa são valorizadas.

Para Castoriadis, a autonomia social emerge quando os sujeitos se reconhecem como autores das suas instituições. O “CRAS na Praça”, nesse sentido, promove práticas que convidam os moradores a se verem como coautores das políticas públicas que os afetam, abrindo caminhos para transformações mais profundas nas estruturas de poder e nos significados sociais.

4. Considerações Finais

A experiência do “CRAS na Praça” demonstra que ações descentralizadas, quando articuladas ao cotidiano e aos saberes da comunidade, têm o poder de operar mudanças significativas nos vínculos sociais e nas representações coletivas. Mais do que levar serviços aos territórios, o projeto provoca um deslocamento simbólico: transforma as margens em centros de criação e cuidado.



Ao integrar os conceitos do imaginário social de Castoriadis à prática assistencial, observamos que a política pública ganha um papel de mediação simbólica, permitindo a emergência de novos sentidos comunitários e fortalecendo a autonomia coletiva.

Esse processo é, sobretudo, um exercício de criação: uma encruzilhada onde o instituído encontra o instituinte, onde o cuidado se alia à escuta, e onde o território passa a ser reconhecido como sujeito de sua própria história.

Referências

BRASIL. Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS). Diário Oficial da União, Brasília, 1993. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742.htm. Acesso em: 2 mar. 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Brasília, 2011. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/assistencia-social/suas>. Acesso em: 2 mar. 2025.

CASTORIADIS, C. A Instituição Imaginária da Sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SINGER, P. Introdução à economia solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

IMAGENS E IMAGINÁRIOS: UM PERCURSO AUTOFORMATIVO NO CAMPO DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Eixo: GT 5-Esse tal Imaginário

Ana Iara Silva de Deus

Pesquisadora Capes, integrante do Grupo de Pesquisa-GEPEIS.UFSM.

anaiaradeus@gmail.com

Valeska Maria Fortes de Oliveira. Professora do Programa de Pós-graduação da UFSM. Coordenadora do Grupo de Pesquisa- GEPEIS.

Essa pesquisa investigou as significações imaginárias xamânicas no contexto da autoformação de pesquisadoras sobre temáticas indígenas, e apresenta quatro narrativas marcantes, surgidas do campo do imaginário das pesquisadoras, as quais rememoram suas lembranças, os sentidos vividos no campo de suas pesquisas sendo legivelmente afetadas por elas. Dessa forma, o trabalho apresenta a experiência autoformativa de Frida, a qual foi introduzida nas questões indígenas desde sua infância por seu pai. Assim, sua experiência em especial com o povo Lklãnõ/Xokleng e Guarani por dezenove anos é uma imersão na tradição destes povos, que Frida nos brinda com imagens e imaginários que marcaram essa trajetória autoformativa. A narrativa (auto)biográfica dos movimentos da Aldeia Guajayvi, processo esse vivenciado por Borboleta Azul, uma professora de filosofia não indígena que, ao conhecer a cultura Guarani, passa por um processo de descolonização e desestrutura de muitos olhares e pensamentos sobre essa tradição indígena. A narrativa de Tay'i, a formiga, cujo nome foi lhe atribuído pelos próprios indígenas da Comunidade Kuaray Rese, quando Tay'i atuou como coordenadora dos processos autoformativos dos professores indígenas dessa aldeia. Com sua narrativa (auto)biográfica é possível mergulharmos na Cultura Mbyá-Guarani, em especial na concepção de escola e nas transformações vivenciadas pela pesquisadora durante essa caminhada. Aruana é a quarta colaboradora a narrar sua experiência de autoformação intercultural, pois nasceu no Paraguai e, naquele país, se deparou com a diversidade quando adentra a escola e essa vivência foi tão marcante para Aruana que a temática sobre questões indígenas e diversidade acompanharam suas pesquisas desde a graduação ao doutoramento. O Referencial do imaginário de Cornelius Castoriadis respalda o olhar sobre as questões indígenas na contemporaneidade, trazendo a visibilidade seus saberes, denunciando o instituído e ao mesmo tempo abrindo brechas para o instituinte.

Palavras-chaves: Imaginário ameríndio guaraníctico; Imaginário Social; Narrativas (auto) biográficas.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

FORMAÇÃO DOCENTE TRANSCENTRADA: (auto) biografias cartografadas como dispositivo de escuta e criação

Eixo: GT 5

Luciano Anchieta Benítez
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM – Programa de Pós-Graduação em
Educação – Doutorado em Educação
luciano.a.benitez@ufsm.br

Orientadora: Dra. Maria Valeska Fortes de Oliveira

Como as vivências de docentes transvestigêneres tensionam e reconfiguram os sentidos da formação docente? Este trabalho propõe uma reflexão sobre os processos formativos a partir das narrativas de professores (as) de gêneros dissidentes no ensino superior. Ancorada na teoria do imaginário social de Cornelius Castoriadis e nos pressupostos ético-estéticos da pesquisa-formação, a investigação articula as metodologias (auto)biográfica e cartográfica, entendidas aqui como dispositivos de escuta, produção de subjetividade e reinscrição simbólica da docência. A pesquisa se estrutura em cinco etapas metodológicas: A primeira consiste na produção de *cartobiofotografias*, a partir de práticas epistolares e narrativas mediadas por imagens. A segunda envolve a ativação do jogo *Maha Lilah*, como dispositivo de evocação simbólica de memórias e experiências formativas. A terceira etapa utiliza o *Tarô do Imaginário*, composto por cartas-imagem produzidas com inteligência artificial, orientando entrevistas semiestruturadas narrativas. A quarta etapa corresponde à roteirização das narrativas e à montagem cartográfica das experiências. Por fim, a quinta etapa culmina na produção de um curta-metragem documental, elaborado em coautoria com os(as) docentes participantes. As trajetórias formativas cartografadas revelam deslocamentos subjetivos e instituintes, abrindo espaço para a emergência de uma educação transcentrada. As narrativas acessam e desestabilizam os significados instituídos sobre masculinidades, feminilidades e docência, ao mesmo tempo em que instauram outros modos possíveis de existir e formar-se professor(a). A formação docente, nessa perspectiva, deixa de ser mera transmissão técnica e se torna um campo de criação simbólica, onde o vivido é matéria de conhecimento e transformação. Escutar docentes transvestigêneres é escutar o instituinte — aquilo que irrompe e reimagina a educação como espaço de reinvenção do humano.

Palavras-chave: Formação Docente. Transgeneridade. Imaginário Social.